

Formação esportiva na educação física escolar: contribuições para o envolvimento esportivo universitário

Palavras-Chave: Esporte Universitário, Educação Física Escolar, Gênero.

Autoras:

Juliana de Jesus Ferreira, FEF – UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Helena Altmann, FEF - UNICAMP

INTRODUÇÃO

O esporte universitário configura-se como um espaço de sociabilidade, pertencimento e desenvolvimento de habilidades corporais para estudantes de diferentes cursos e trajetórias acadêmicas. Nas instituições de ensino superior públicas, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), considerada como campo desta pesquisa, sua prática ultrapassa a dimensão competitiva e assume um papel de integração estudantil, com o incentivo à participação esportiva evidenciado desde o momento da matrícula nos cursos. Sendo organizado principalmente por Associações Atléticas Acadêmicas e Ligas Estudantis, esse universo é protagonizado por estudantes que atuam na gestão de treinos, campeonatos, eventos e ações institucionais com apoio da universidade (Fagundes; Prado; Félix, 2022).

No entanto, o acesso à prática esportiva não é isento de desigualdades, pois as mulheres enfrentam diversas barreiras para usufruir plenamente dessas experiências no esporte universitário. Segundo Zeferino, Barletto e Salles (2013), por décadas os corpos femininos foram destinados a atividades específicas, fundamentadas em discursos de feminilidade e masculinidade. Assim, as práticas esportivas universitárias foram organizadas socialmente a partir dessas representações, que delimitavam modalidades aceitáveis para as mulheres. Contudo, tais delimitações não se baseiam em evidências biológicas, mas em construções simbólicas que veem os corpos femininos como frágeis em relação aos masculinos (Goellner, 2005). Nesse contexto, a presença feminina no esporte universitário desafia essa ordem social que reserva a maioria das práticas aos homens.

De acordo com Juliana Jacó (2023), para muitos estudantes, sobretudo para as mulheres, as aulas de educação física na escola representam a única oportunidade de acesso a essas práticas corporais, sendo destacadas em sua pesquisa como uma vivência fundamental. Em contrapartida, entre os meninos, a prática de atividades físicas e esportivas é mais frequente, dentro e fora da escola, proporcionando a eles uma experiência corporal mais intensa e significativa. No contexto escolar, essas diferenças se manifestam

não apenas nas atividades realizadas, mas também na percepção das meninas sobre a utilidade e o interesse pelas aulas de educação física, reverberando em um menor engajamento e valorização da disciplina (Altmann *et al.*, 2018). Assim, considerando as desigualdades históricas de gênero, tornou-se fundamental compreender quais experiências esportivas foram possíveis às mulheres antes da chegada à universidade, especialmente para aquelas oriundas da rede pública de ensino.

Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo analisar como a educação física escolar contribui para a formação esportiva de estudantes envolvidos no esporte universitário da UNICAMP, com foco nas desigualdades de gênero. Além disso, buscamos compreender de que maneira a escola e os professores(as) influenciaram o interesse, as habilidades e a permanência das estudantes na prática esportiva, considerando suas trajetórias, oportunidades ou limitações vivenciadas ao longo da escolarização.

METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito participantes engajados no esporte universitário da UNICAMP, sendo quatro mulheres e quatro homens, todos com ensino fundamental ou médio cursado em escolas públicas de Campinas, conforme critério obrigatório. Outro critério de inclusão foi a participação em equipes de modalidades coletivas oferecidas pelas Atléticas, como basquetebol, handebol e voleibol, selecionadas por sua presença tradicional no currículo de educação física, além de serem amplamente acessíveis e integradas ao ambiente esportivo universitário.

A busca por participantes iniciou-se com o levantamento das Atléticas e Ligas associadas à Liga das Atléticas da UNICAMP (LAU), considerando apenas aquelas localizadas no campus de Campinas. Foram identificadas cinco Ligas e sete Atléticas vinculadas diretamente à LAU, que participavam ativamente de competições e ofereciam modalidades esportivas relevantes ao estudo. A partir dessas informações, iniciamos a busca pelos dias, horários e locais dos treinamentos das modalidades coletivas selecionadas, utilizando como principal fonte o Instagram das Atléticas e Ligas. Em seguida, foram realizadas visitas presenciais aos treinamentos, com o objetivo de identificar estudantes que se enquadravam no perfil da pesquisa.

Destacamos que esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o Parecer n. 7.248.463. As entrevistas ocorreram presencialmente em salas de reuniões na UNICAMP, conduzidas de forma individual, após a apresentação do Termo de Livre Consentimento e a autorização para gravação de áudio. Os(as) participantes responderam a aproximadamente 19 perguntas, a partir de um roteiro próprio que buscava compreender o histórico de envolvimento com o esporte universitário, explorando as experiências prévias, especialmente durante a educação física escolar. As entrevistas foram gravadas, transcritas e revisadas pela pesquisadora. Foi realizada uma análise temática dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos evidenciaram que a educação física escolar representa, para muitas mulheres, a principal ou a única oportunidade de iniciação esportiva. Em contrapartida, os homens descreveram vivências mais diversas, envolvendo o contato esportivo em clubes, projetos sociais e outros. Essa diferença reforçou a hipótese de que os meninos, por contarem com maior liberdade e incentivo social desde a infância, chegam à escola com vantagens corporais e técnicas, enquanto as meninas, na maioria das vezes, iniciam sua relação com o esporte apenas na escola.

Ao longo das entrevistas, foi recorrente a menção ao modelo de aula conhecido como “rola-bola”, caracterizado pela entrega de materiais esportivos sem mediação docente sistematizada. Embora essa forma de conduzir as aulas tenha sido valorizada pelos estudantes que já dominavam determinadas modalidades, especialmente os meninos, revelou-se excludente para muitas meninas que relataram insegurança e dificuldades de inserção nos jogos. Entre as dificuldades apontadas para a prática esportiva na educação física escolar, as quatro mulheres participantes compartilharam experiências de exclusão e marginalização dentro das aulas, frequentemente dominada pelos meninos. Elas relataram como, desde o ensino fundamental, precisaram de um esforço dobrado para ocupar seu espaço na quadra, muitas vezes sendo afastadas das atividades principais, como o futebol, e relegadas a modalidades menos competitivas ou isoladas:

Acho que a minha maior dificuldade foi ser mulher, porque eu sempre tive que me posicionar muito no sentido de mostrar que eu queria praticar aquilo, que eu queria estar no meio do esporte. Porque, geralmente, a professora dava uma bola de vôlei e jogava a gente numa quadra no cantinho, para ficar jogando lá enquanto os moleques jogavam futebol. E eu queria jogar futebol, eu queria jogar no nível deles, porque as meninas também não se interessavam pelo esporte na minha escola, no ensino fundamental. (Guide, Educação Física).

Apesar dessas limitações, também foram destacados momentos significativos com professores(as) que demonstravam incentivo direto, contribuindo decisivamente para a aproximação das estudantes ao universo esportivo. Entre as meninas, especialmente, a atuação docente se mostrou essencial para o engajamento e o desejo de continuidade na prática. Entretanto, a limitação dos conteúdos e a persistência de estereótipos de gênero que associam o esporte à masculinidade continuam restringindo o acesso das meninas às práticas esportivas. Ainda assim, para muitas estudantes de escolas públicas, a educação física permanece o único espaço de contato com o esporte e, apesar das barreiras, essas experiências escolares influenciam o posterior engajamento esportivo universitário. Ao questionarmos uma das entrevistadas sobre seu primeiro contato com o handebol, modalidade praticada na universidade, ela afirmou:

Foi na Educação Física. Eu não tinha ideia do que era handebol antes das aulas. Então, eu conheci lá, até mesmo na prática. Porque, por exemplo, o basquete tem a NBA, então a gente acaba tendo contato com o basquete em vários momentos. Mas o handebol, só na escola mesmo (Guide, Educação Física).

A influência do(a) professor(a) foi fundamental para que a estudante experimentasse o handebol e construísse sua trajetória esportiva na universidade. Mesmo em aulas com estilo “rola-bola”, os(as) docentes promoveram o acesso ao esporte ao inserir o handebol, ainda que de forma limitada. Essa introdução escolar permitiu o contato inicial com a modalidade, desenvolvendo bases que levaram ao engajamento universitário. Assim, destacamos que as aulas de educação física, quando com intenção pedagógica clara, despertam o interesse esportivo dos(as) estudantes. Além disso, os(as) professores(as) não apenas contribuem para a formação esportiva, mas também abrem caminhos para o rompimento de expectativas de gênero que afastam as meninas do esporte.

CONCLUSÕES

Neste estudo, as experiências relatadas pelos estudantes evidenciam que a educação física escolar, ainda que marcada por limitações, se constituiu como espaço importante na formação esportiva, sobretudo para as mulheres. A pesquisa indicou que, enquanto os meninos vivenciaram desde a infância práticas esportivas em ambientes informais, as meninas, muitas vezes, tiveram a escola como o único espaço de contato com o esporte. Dessa forma, a educação física escolar assume um papel fundamental para meninas da rede pública, especialmente quando não há acesso a clubes ou escolinhas (Altmann *et al.*, 2018).

Com base nas entrevistas, o esporte como conteúdo central das aulas, mesmo quando estruturada em metodologias criticadas como o “rola-bola”, foi valorizada por estudantes que já possuíam afinidade com essas práticas. Ainda assim, para muitos, a repetição das modalidades do assim chamado “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) representou uma limitação, sobretudo pela ausência de outras práticas corporais relevantes previstas nos documentos curriculares como danças, lutas e ginásticas, que são formas de expressão corporal que devem ser abordadas nas escolas (Coletivo de Autores, 1992).

De acordo com Darido (2012), no modelo “rola bola” os estudantes têm a liberdade de escolher a atividade que preferem, com os meninos optando majoritariamente pelo futebol, enquanto as meninas costumam preferir vôlei ou queimada. Com isso, aqueles que não desejam participar permanecem sentados, conversando com colegas e interagindo de outras formas, até mesmo com o próprio professor(a). Nesse sentido, os meninos tendem a ser mais engajados nas atividades esportivas ocupando as quadras, enquanto muitas meninas acabam ficando aos redores (Dornelles, 2012).

As desigualdades de gênero se manifestam desde cedo na escola e se expressam nos modos distintos de ocupação do espaço, nas oportunidades de participação e no tipo de incentivo recebido. Como destaca Goellner (2005) os corpos são produzidos socialmente por meio de representações que definem o que é aceitável para meninas e meninos, sendo as mulheres as mais prejudicadas nessa divisão.

Contudo, apesar das desigualdades e críticas ao ensino esportivo na escola, os dados desta pesquisa revelaram que, quando esse ensino é mediado por docentes engajados, que organizam suas aulas

metodologicamente, ele pode contribuir significativamente para o aprendizado e valorização do esporte, especialmente para estudantes que não tiveram outras oportunidades de vivência. Assim, a atuação dos docentes aparece decisiva, tanto para despertar o gosto pela prática esportiva quanto para possibilitar a participação das meninas nas aulas.

Dessa forma, compreender o papel da educação física escolar na formação esportiva requer considerar suas contradições: se, por um lado, ainda reproduz práticas que reforçam desigualdades, por outro, também pode se constituir como espaço de resistência e descoberta, sendo a presença das mulheres no esporte universitário um exemplo disso. Apesar das barreiras, muitas conseguiram se apropriar das experiências escolares e transformá-las em envolvimento esportivo na universidade — espaço que, historicamente, também foi negado às mulheres.

Portanto, o estudo reafirmou a importância da educação física escolar no acesso ao esporte, sobretudo para meninas de escolas públicas, bem como o comprometimento da escola e dos docentes com uma prática pedagógica atenta às desigualdades de gênero, como forma de ampliar os horizontes de vivência corporal dos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

- Altmann, H., Ayoub, E., Fernández Garcia, E., Ramírez Rico, E., & Polydoro, S. A. J. (2018). **Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos**. *Revista Estudos Feministas*, 26(1), e44074, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144074>
- Coletivo de Autores. (1992). **Metodologia de ensino da educação física**. Cortez.
- Darido, S. C. (2012). **Educação física na escola: aspectos legais e possibilidades**. Universidade Estadual Paulista. Prograd (Ed.), *Cadernos de Formação: formação de professores didática geral*. 21–33.
- Dornelles, P. G. (2012). **Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar**. *Cadernos Cedes*, 32(87), 187–197. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000200005>
- Fagundes, A. F., Prado, R. A., & Felix, D. F. (2022). **A identificação dos discentes com as associações atléticas universitárias e o reflexo quanto ao engajamento estudantil junto às instituições de ensino superior**. *Educação e Pesquisa*, 48, 1–26. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239088por>
- Goellner, S. V. (2005). **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias**. *Pensar a Prática*, 8(1), 85–100. <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>
- Jacó, J. F. (2023). **Esporte universitário e mulheres: trajetórias esportivas, formativas e de distinção** [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas].
- Zeferino, J. C., Barletto, M., & Salles, J. G. do C. (2013). **A participação de mulheres no esporte universitário: um campo em disputa**. *Movimento*, 19(2), 11–30. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.24008>